

Versão Online ISBN 978-85-8015-079-7
Cadernos PDE

VOLUME II

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Produções Didático-Pedagógicas

2014

EDUCAÇÃO SEXUAL: Reflexões, Mitos e Preconceitos	
Autor: Carlos Eduardo Godoi Lino	
Disciplina/Área:	BIOLOGIA
Escola de Implementação do Projeto e sua localização:	Colégio Estadual Rui Barbosa - EFMNP
Município da escola:	ARAPOTI
Núcleo Regional de Educação:	WENCESLAU BRAZ
Professor Orientador:	Cristina Lucia Sant'Ana Costa Ayub
Instituição de Ensino Superior:	Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG
Relação Interdisciplinar:	História, Arte, Sociologia e Língua Portuguesa.
Resumo:	<p>O Projeto de Intervenção Pedagógica será aplicado no <i>Colégio Estadual Rui Barbosa – EFMNP</i>, no município de Arapoti – PR, desenvolvido com os primeiros anos do Ensino Médio e Formação de Docentes e com os/as professores/as das referidas turmas para que tomem conhecimento do trabalho que será desenvolvido e sejam capacitados para resolverem as situações e indagações advindas após a implementação do projeto. Serão apresentadas aos/às alunos/as três unidades didáticas: <u>GÊNERO</u>; <u>SEXUALIDADE, SEXO E CORPO</u>; <u>ORIENTAÇÃO SEXUAL, HOMOFOBIA E PRECONCEITO</u>. Além dessas unidades didáticas será trabalhado também uma <u>UNIDADE DIDÁTICA ESPECIAL</u>, em forma de oficina de 8h aos docentes das referidas turmas.</p> <p>Em todas as unidades didáticas serão trabalhados temas que extrapolam o contexto escolar; através de situações didáticas com temas que envolvem situações de preconceito e os estereótipos presentes no cotidiano e expostos pela mídia, escola e sociedade, utilizaremos como recursos pedagógicos a palavra escrita, imagens, vídeos e filmes.</p>
Palavras-chave:	educação; sexualidade; sexo; gênero; preconceito
Formato do Material Didático:	Caderno Pedagógico
Público:	Alunos e Professores

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	3
UNIDADE DIDÁTICA 1 - GÊNERO.....	6
ATIVIDADE 01: FAMÍLIAS.....	7
ATIVIDADE 02: FAMÍLIAS II.....	10
ATIVIDADE 03: RETRATOS DE FAMÍLIAS	11
ATIVIDADE 04: TROCA DE PAPEIS.....	14
ATIVIDADE 05: É ASSIM, MAS PODE MUDAR.....	15
UNIDADE DIDÁTICA 2 - SEXUALIDADE, SEXO E CORPO.....	17
ATIVIDADE 06: VAMOS FALAR DE SEXUALIDADE?.....	17
ATIVIDADE 07: SEXUALIDADE E GÊNERO – O QUE ESTÁ NOS LIVROS DIDÁTICOS?.....	18
ATIVIDADE 09: SEXUALIDADE CANTADA.....	20
UNIDADE DIDÁTICA 3 - ORIENTAÇÃO SEXUAL, HOMOFOBIA E PRECONCEITO	24
ATIVIDADE 10: E se a história fosse diferente?	24
ATIVIDADE 11: MEDO DE QUÊ?.....	26
ATIVIDADE 12: DE QUE LADO VOCÊS FICAM?.....	26
ATIVIDADE FINAL: FOTONOVELA	28
UNIDADE DIDÁTICA ESPECIAL: GÊNERO, SEXUALIDADE E ORIENTAÇÃO SEXUAL - OFICINA PARA PROFESSORES.....	31
OBJETIVO:.....	31
METODOLOGIA:.....	31
GÊNERO.....	32
ATIVIDADE 01: IDENTIFICANDO ESTEREÓTIPOS.....	33
ATIVIDADE 02: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO GÊNERO.....	35
SEXUALIDADE.....	37
ATIVIDADE 03: RE-VISITANDO A ADOLESCÊNCIA.....	38
ATIVIDADE 04: A ORIENTAÇÃO SEXUAL DO DESEJO.....	41
ORIENTAÇÃO SEXUAL.....	44
ATIVIDADE 05: HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA.....	45
REFERÊNCIAS.....	48

APRESENTAÇÃO

Este caderno temático é uma produção didático pedagógica para a sistematização do Projeto de Intervenção Pedagógica “**EDUCAÇÃO SEXUAL: Reflexões, Mitos e Preconceitos**”, proposto no Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE 2014. O Projeto de Intervenção Pedagógica será aplicado no Colégio Estadual Rui Barbosa – EFMNP, no município de Arapoti – PR, desenvolvido com os/as alunos/as dos primeiros anos do Ensino Médio, primeiro ano do curso de Formação de Docentes e com os/as professores/as das referidas turmas para que tomem conhecimento do trabalho que será desenvolvido e sejam preparados/as para resolverem as situações e indagações advindas após a implementação do projeto.

As propostas de trabalho serão apresentadas em três unidades; **UNIDADE DIDÁTICA 1 – Gênero**; **UNIDADE DIDÁTICA 2 – Sexualidade, Sexo e Corpo** e **UNIDADE DIDÁTICA 3 – Orientação Sexual, Homofobia e Preconceito**, além de uma **UNIDADE DIDÁTICA ESPECIAL** na forma de um minicurso de 8h ofertado aos professores das turmas envolvidas no projeto de intervenção.

As atividades propostas serão adaptadas do Caderno de Atividades do curso “**Gênero e Diversidade na Escola – GDE**”, que é uma produção da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM/PR) em parceria com a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR/PR), a Secretaria de Educação à Distância (SEED/MEC), a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC) e o Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/UERJ), produzido no ano de 2009, acessado em: <http://www.google.com.br/url?q=http://www.e-clam.org/downloads/Caderno-de-Atividades-GDE2010.pdf&sa=U&ei=qorSU43cMqXfsASjwIDQCA&ved=0CByQFjAB&usg=AFQjCNE X1-ZavWIXHRRczBlii-PrflLZA>, em 20/02/2014 e do “**Guia para a Formação de Profissionais de Saúde e Educação – Saúde e Prevenção nas Escolas – série manuais nº 76**” ,

Tendo como uma das responsabilidades da escola e da família o desenvolvimento de uma sexualidade consciente e responsável, levando-se em consideração os fatores sociais e políticos, este Caderno Pedagógico pretende colaborar na construção de uma sexualidade como um processo histórico e social, variável no espaço e no tempo e que está além dos corpos (que estão envolvidas com fantasias, valores, linguagens, rituais e comportamentos) (LOURO, 2007, p 209-210).

As situações didáticas trabalhadas no Projeto de Intervenção abordarão temas que extrapolam o contexto escolar, envolvendo situações de preconceito e os estereótipos

presentes no cotidiano das pessoas expostas na mídia, escola e sociedade, utilizando-se das palavras escritas, imagens, vídeos e filmes. Utilizaremos como prática educativa a perspectiva construtivista-interacionista, entendendo a aprendizagem como processo de construção do conhecimento, promovendo a interação com outros sujeitos e com os objetos de estudo (Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais – Caderno de Atividades. Versão 2009. p. 15)

EDUCAÇÃO SEXUAL: Reflexões, Mitos e Preconceitos

UNIDADE DIDÁTICA 1 - GÊNERO

ATIVIDADE 01: FAMÍLIAS

Iniciar a Atividade 01 colocando a musica “Pais e Filhos” da banda Legião Urbana, que trata de arranjos e problemas familiares. Tempo estimado para realização dessa atividade é de 1 hora.

Pais e Filhos (Legião Urbana)

Estátuas e cofres e paredes pintadas

Ninguém sabe o que aconteceu

Ela se jogou da janela do quinto andar

Nada é fácil de entender

Dorme agora

É só o vento lá fora

Quero colo! Vou fugir de casa

Posso dormir aqui com vocês?

Estou com medo, tive um pesadelo

Só vou voltar depois das três

Meu filho vai ter nome de santo

Quero o nome mais bonito

É preciso amar as pessoas

Como se não houvesse amanhã

Porque se você parar pra pensar

Na verdade não há

Me diz, por que que o céu é azul?

Explica a grande fúria do mundo

São meus filhos

Que tomam conta de mim

Eu moro com a minha mãe

Mas meu pai vem me visitar

Eu moro na rua, não tenho ninguém
Eu moro em qualquer lugar
Já morei em tanta casa
Que nem me lembro mais
Eu moro com os meus pais
É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade não há
Sou uma gota d'água
Sou um grão de areia
Você me diz que seus pais não te entendem
Mas você não entende seus pais
Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo
São crianças como você
O que você vai ser
Quando você crescer

(**Compositores:** Dado Villa-Lobos, Renato Russo e Marcelo Bonfá; **Fonte:**
<http://letras.terra.com.br/legiao-urbana/22488/>)

Com o objetivo de se conhecer a diversidade que há nas famílias, organize duplas e peça que se entrevistem. Abaixo sugerimos um roteiro com as perguntas, e assim pode-se confrontar as informações das duplas. Perguntas constrangedoras devem ser evitadas e talvez um ou outro aluno se recuse a responder alguma pergunta, e caberá ao professor administrar tais situações.

- Quem mora com você?
- Destas pessoas, quem trabalha?
- Quem fica mais tempo em casa? O que faz?

- Quem contribui mais efetivamente com o pagamento das despesas?
- Quem toma as principais decisões?
- Você tem irmãos ou irmãs? Quantos?
- Quais são as principais semelhanças e diferenças entre você e seus irmãos e irmãs?
- Como é feita a divisão das tarefas domésticas na sua casa? Quem faz o quê?
- Há parentes morando perto da sua casa? Qual o grau de parentesco?
- A família é composta de pessoas de diferentes raças/etnias?
- Sua família é recomposta? (reordenamento familiar depois de separações e de novos casamentos/ajuntamentos)

Após a entrevista estimular alguns alunos a apresentarem o/a seu/sua entrevistado/a à turma. É importante o professor fazer anotações e observar os comentários, risos e gestos, pois são dados importantes para o conhecimento da turma pelo professor. Aproveitar para aprofundar alguns temas que surjam, problematizando os resultados da discussão.

É importante que o professor ajude a turma a desfazer estereótipos e preconceitos. Ao final estimule a turma a comentar sobre as tarefas domésticas destinadas a homens e mulheres e os diferentes arranjos familiares dos estudantes. Caso não surjam famílias homoparentais, o professor deverá levantar a questão e fazer o seu aprofundamento na atividade seguinte.

As duplas deverão sistematizar os dados colhidos na entrevista e o professor deverá solicitar que os estudantes observem na TV, durante a semana, anúncios publicitários, novelas e seriados que tenham famílias como personagens e que levem suas observações, jornais e revistas para a aula seguinte.

ATIVIDADE 02: FAMÍLIAS II

Esta é uma atividade em continuidade à atividade 01, com tempo de duração estipulado em 1 hora; solicitou-se aos alunos que observassem representações de famílias nos meios de comunicação, o professor deverá levar também imagens de revistas e/ou encartes de jornais que retratam os diversos arranjos familiares, ampliando as possibilidades de reflexão e debate. A turma deverá ser dividida em grupos e as revistas e jornais distribuídos. Solicite aos alunos que recortem fotos de famílias e as coleem em uma folha de cartolina. Peça que analisem os arranjos familiares, as atividades desenvolvidas por cada pessoa, as semelhanças ou diferenças entre as famílias e/ou outros elementos que o grupo achar importante em relação as famílias analisadas.

Os grupos deverão apresentar e debater sobre as famílias apresentadas na mídia correlacionando-as com a sua família. Destacar as atividades desenvolvidas pelos membros, a composição familiar, o padrão de vida, etc.

No caso de não apresentarem nenhum cartaz com famílias homoparentais, o professor deverá estimular a turma a refletir sobre esta ausência nas peças publicitárias e programas observados pelos alunos.

É importante que o professor faça uma pré-seleção de imagens que sirvam de exemplo para abordagem do tema com o grupo, como fotos de casais homossexuais com filhos/as e/ou famílias com diversidade étnico-racial.

Os grupos deverão produzir um texto que contemple os seguintes pontos: os diversos arranjos familiares possíveis; suas famílias e as famílias representadas pela mídia; a relação entre tarefas domésticas e gênero em suas famílias e na mídia.

ATIVIDADE 03: RETRATOS DE FAMÍLIAS

O professor deverá apresentar aos alunos quatro imagens representando momentos distintos da história brasileira e a diversidade étnico-racial (tempo previsto para realização dessa atividade é de 1 hora).

- Imagem 1: O quadro "*Baptisme*", também conhecido como "*Um Funcionário a Passeio com sua Família*", do pintor francês Jean-Baptiste Debret, retratando uma família urbana do séc. XIX.



(Fonte: <http://www.unicamp.br/chaa/Imagens/yobenj/84-debret.jpg>, acesso: 27/10/2014)

- Imagem 2: Uma foto ou imagem publicitária recente, em que uma mulher/mãe esteja desempenhando uma atividade tradicionalmente aceita para o gênero feminino.



(fonte: <http://www.dicasdemulher.com.br/cuidados-ao-lavar-a-louca/>, acesso em 26/11/2014)

- Imagem 3: Uma foto ou imagem publicitária recente que retrate uma família em que o homem/pai esteja desempenhando atividades aceitas tradicionalmente como mais próprias do gênero feminino.



(Fonte: <http://temdetudoumpoucoconlilian.blogspot.com.br/2012/10/homens-que-limpam-casa-sao-mais-felizes.html>, acesso em: 26/11/2014)

- Imagem 04: Uma foto ou imagem publicitária na qual mostre todos os membros da família, de preferência com pessoas de várias gerações (aqui inclui três imagens para ilustrar atividades consideradas masculinas e femininas).



(fonte: <http://questaodecoaching.com.br/2013/04/22/familia-que-trabalha-unida/>, acesso em 26/11/2014)



(fonte: <http://extra.globo.com/famosos/rodrigo-santoro-filma-cena-de-futebol-de-areia-na-praia-de-copacabana-371572.html>, acesso em: 26/11/2014)



(fonte: http://laisponce.blogspot.com.br/2012_01_01_archive.html, acesso: 26/11/2014)

O professor fará a exposição das fotos e deverá pedir aos estudantes que as observem e as descrevam comparando-as. Num segundo momento, deve-se oferecer dados sobre as fotos/imagens; na primeira imagem, por exemplo, apresentar informações sobre o artista, o período histórico, o modelo escravagista, os trajés, etc.

Deixe que os alunos cheguem as suas conclusões sozinhos sobre a ordenação dos membros da família e os papéis ocupados por cada um e como isto mudou ao longo do tempo e, só depois, o professor fará as observações necessárias.

Após, iniciar uma discussão sobre assimetria de gênero, sobre os contextos sócio-econômicos e os movimentos sociais que ajudaram nas mudanças dos papéis

sociais da mulher e do homem, principalmente na família. Deverá ser abordado também com os alunos o quanto o trabalho doméstico e quem o executa são desqualificados e invisibilizados pela sociedade, a exemplo do que ocorre com os/as empregados/as domésticos/as. Incentive o grupo a falar sobre as divisões de tarefas em suas famílias e se percebem assimetria de gênero.

Para finalizar peça aos alunos que produzam um texto individual sobre o que pretendem mudar, nas relações de gênero, quando formarem suas famílias.

ATIVIDADE 04: TROCA DE PAPEIS

Assistir ao curta metragem *“Acorda Raimundo... Acorda”*. (Acessado em <https://www.youtube.com/watch?v=HvQaqcYQyxU>, em 20/11/2014)

O professor deverá acompanhar as reações da turma para o entendimento sobre o que pensam sobre o tema, perceber se há diferenças entre os meninos e as meninas. O professor deverá preparar alguns dados sobre as relações de gênero e trabalho, para alimentar o debate.

Após a exibição do filme organizar os alunos em círculo e o professor deverá perguntar o que sentiram durante a exibição do filme.

Para finalizar o professor expõe alguns dados sobre as relações de gênero no mercado de trabalho e propõe que, em grupo, criem outras situações de inversão, através de dramatização, ilustração, texto, colagem, etc. Se preferir o professor poderá fazer o sorteio sobre o tipo de linguagem que os grupos farão suas apresentações, em um rico momento para o debate de ideias. Esta atividade tem tempo previsto de 1 hora para a sua realização.

ATIVIDADE 05: É ASSIM, MAS PODE MUDAR

Esta atividade requer que o professor inicie um diálogo com a turma sobre diferenças de comportamento de homens e mulheres em situações como namoro, casamento, no restaurante, praia, etc. A ideia é que os/as alunos/as falem sobre os comportamentos sociais aceitos como convenientes para os gêneros em nossa sociedade. Atividade tem tempo previsto de 1 hora para a sua realização.

A seguir dividir a turma em três grupos para a discussão de três casos:

GRUPO 1: Uma estudante adolescente namorou três colegas da escola durante o semestre e foi muito criticada pelos seus colegas. Certo dia quando chegava à escola, viu que seu nome estava pichado no muro acompanhado de um xingamento. E, na mesma época, algumas meninas começaram a se afastar dela e a rir e cochichar quando ela passava. Um estudante da mesma escola namorou três colegas, mas não foi censurado. Certo dia, quando chegava à escola, os colegas o cercaram e disseram: “Fala, pegador, nosso herói!” e passaram a referir a ele como “pegador”, como um elogio. Ele percebeu ainda que as meninas começaram a olhá-lo com mais admiração. O que vocês acham dessa situação?

GRUPO 2: Uma turma decidiu comemorar o dia do/a professor/a. Organizaram uma festinha e dividiram as tarefas da seguinte forma: os meninos deveriam levar os refrigerantes e as meninas, os doces e salgados. Ao final da comemoração, os estudantes recolocaram as carteiras e cadeiras no lugar e jogaram o lixo fora. E as estudantes varreram o chão e limparam as mesas. O que vocês acham dessa divisão de tarefas? Por que vocês acham que as tarefas foram divididas dessa forma?

GRUPO 3: Joana e Carlos estudam na mesma turma e têm uma filha de um ano. Joana tem cochilado durante as aulas e não tem participado do recreio. Carlos, por sua vez, não aparenta estar cansado, pelo contrário, continua disposto nas aulas, nas atividades esportivas e no recreio. O que vocês acham que está acontecendo com esse casal e sua filha? Como vocês avaliam esta situação?

Cada grupo deverá expor a situação trabalhada e sua opinião sobre ela. O professor deverá orientar o debate levando os alunos a perceberem a assimetria de gênero, sexismo e preconceitos sexuais e de gênero. Para encerrar a atividade o professor pede que cada grupo escreva uma carta para um/a personagem da história.

UNIDADE DIDÁTICA 2 - SEXUALIDADE, SEXO E CORPO

ATIVIDADE 06: VAMOS FALAR DE SEXUALIDADE?

Antes de iniciar esta atividade o professor deve informar a turma que hoje vocês conversarão sobre um tema polêmico, muitas pessoas tem dificuldade de falar sobre ele, mas mesmo assim é muito falado e discutido, não dê nenhuma dica pois é preciso manter suspense sobre o tema. Depois distribua tiras de papel entre os/as estudantes e peça que os meninos escrevam a letra “H” e as meninas escrevam a letra “M” e que em seguida fechem os olhos. Quando todos/as estiverem em silêncio e com os olhos fechados, dar a seguinte instrução:

“Falarei uma palavra e vocês, quando abrirem os olhos, deverão escrever no papel a 1ª emoção/sentimento que lhes vier à cabeça quando ouvirem esta palavra”.

Não há necessidade que escrevam os nomes no papel, em seguida diga a palavra: “*Sexualidade*”.

A intenção é que os alunos sejam espontâneos, peça que dobrem os papeis e o/a professor/a circula pela sala com uma sacola ou caixa para que joguem os papéis dentro.

Escrever no quadro as palavras citadas separando-as a partir das respectivas letras “H” e “M”, inicie uma discussão sobre os significados que a sexualidade tem para essa geração e para ambos os gêneros. O/A professor/a deve ficar atento se há diferenças significativas entre as emoções reveladas pelos meninos e pelas meninas, essa é uma informação fundamental para as discussões sobre gênero e sexualidade.

Para animar o debate o professor poderá levantar as seguintes questões:

Quem conversa em casa sobre sexualidade com os pais e/ou mães?

Com quem você se sente à vontade para conversar sobre sexualidade? Por quê?

Você acha que seus/suas amigos/as sabem tudo sobre sexualidade?

Quem sabe mais sobre sexualidade, os meninos ou as meninas? Por quê?

Para o fechamento dessa atividade o professor poderá sugerir a construção de um cartaz coletivo com as palavras e expressões que disseram sobre sexualidade durante as discussões. O tempo estimado para a realização dessa atividade é de 1 hora.

ATIVIDADE 07: SEXUALIDADE E GÊNERO – O QUE ESTÁ NOS LIVROS DIDÁTICOS?

Nesta atividade o professor deverá levar a turma à biblioteca e iniciar uma conversa com os/as alunos/as que estimule a reflexão sobre o que é biológico ou natural e o que é social e cultural, no que diz respeito aos nossos comportamentos. Após, dividir a turma em grupos e solicitar que observem os seguintes pontos nos livros didáticos de disciplinas como História, Língua Portuguesa, Geografia, Biologia, Filosofia e Sociologia, por exemplo:

- Como mulheres e homens são representados?
- Como as famílias são representadas?
- Qual o corpo que geralmente serve de padrão nos livros?
- Há diversidade de corpos (altos, baixos, gordos, magros, brancos, negros, indígenas, homens e mulheres, pessoas com deficiência, etc)
- Os livros de Biologia fazem referência ao social e ao cultural quando definem homens e mulheres?
- Quando tratam de reprodução, os livros tocam em questões afetivas e sociais?
- Os textos dos livros têm linguagem inclusiva, ou seja, usam “ser humano” ou “pessoa humana” em vez de “homem”? Usam o masculino e o feminino das palavras ou “o/a” diante de palavras comuns aos dois gêneros?

A ideia é discutir com os alunos o que é biológico e o que é cultural entre homens e mulheres, e o que é cultural, mas costuma ser tratado como sendo natural/biológico. Essa discussão é fundamental para a promoção do tema sexualidade e gênero, desvinculando-se o pensamento de fixidez e impossibilidade de mudança ao tratar comportamentos sócias como biológicos.

Ao final os grupos deverão apresentar os seus resultados, o professor deverá pedir que elejam um livro e redijam um pequeno parecer ou texto sobre o que diz o livro e o que o grupo acha que deveria dizer a partir do que foi discutido.

O tempo para realizar esta atividade é de 1 hora.

ATIVIDADE 08: **O AMOR EM FOTOS**

O professor deverá expor três fotos para os/as alunos/as: uma de dois homens, uma de duas mulheres e uma de um homem e uma mulher. Nas três situações, os/as personagens devem estar de mãos dadas, ou se olhando de forma carinhosa ou se tocando. As imagens devem passar de forma sutil a ideia de relações afetivas, mas não devem ser de beijos, abraços apertados, etc. O objetivo é não caracterizar as duplas das fotos como casais de antemão, possibilitando a discussão sobre masculinidades, feminilidades e afetividade. Atividade com tempo previsto de 1 hora para ser realizada.

O/A professor/a deve pedir aos/às alunos/as que observem as fotos sem fazer comentários. Em seguida propor que escrevam uma história baseada em uma das três fotos. Se perguntarem que tipo de história devem escrever, diga que descrevam a situação que acham que a foto representa. A ideia é que percebam que as histórias não precisam ser de amor entre os casais, sugira que não comentem sobre qual foto escreverão. O/A professor/a deverá anotar os comentários sobre as fotos.

Para finalizar o/a professor/a deverá iniciar uma discussão sobre que tipo de relação as fotos representam. Se os/as alunos/as disserem que revelam apenas situações amorosas, faça alguns questionamentos:

Quais as possibilidades de afetividade entre homens e mulheres heterossexuais?

Há mais facilidade para homens ou mulheres expressarem carinho por uma pessoa do mesmo sexo? Por quê?

Utilize o que foi anotado durante a exibição das imagens, aproveite e pergunte sobre qual foto escreveram.

Talvez não surjam histórias sobre o suposto casal homossexual, neste caso o/a professor/a deverá iniciar uma conversa sobre homossexualidade, preconceito e homofobia. Em seguida, pedir aos/às alunos/as que desejarem, que leiam suas histórias. A leitura poderá desencadear outras conversas.

ATIVIDADE 09: SEXUALIDADE CANTADA

Nesta atividade o/a professor/a deverá solicitar aos/às alunos/as que levem para a sala de aula letras de músicas de todos os estilos que falem das relações amorosas, sexualidade e modos de ser homem e ser mulher. O tempo desta atividade é previsto para 1 hora.

O/A professor/a deverá levar cópia das letras das seguintes músicas: “*Tem pouca diferença*”, de Durval Vieira, que ficou conhecida na voz de Luiz Gonzaga; “*Masculino e feminino*”, de Baby Consuelo, Didi Gomes e Pepeu Gomes, conhecida na voz deste último; “*Geni e o zepelin*” e “*Mar e lua*”, ambas de Chico Buarque de Holanda.

Mar e Lua (Chico Buarque de Holanda)

Amaram o amor urgente
As bocas salgadas pela maresia
As costas lanhadas pela tempestade
Naquela cidade
Distante do mar
Amaram o amor serenado
Das noturnas praias
Levantavam as saias
E se enluaravam de felicidade
Naquela cidade
Que não tem luar
Amavam o amor proibido
Pois hoje é sabido
Todo mundo conta
Que uma andava tonta
Grávida de lua
E outra andava nua
Ávida de mar
E foram ficando marcadas
Ouvindo risadas, sentindo arrepios
Olhando pro rio tão cheio de lua
E que continua
Correndo pro mar
E foram correnteza abaixo
Rolando no leito

Engolindo água
Boiando com as algas
Arrastando folhas
Carregando flores
E a se desmanchar
E foram virando peixes
Virando conchas
Virando seixos
Virando areia
Prateada areia
Com lua cheia
E à beira-mar

(Composição: Chico Buarque de Holanda, acessado em:

<http://www.vagalume.com.br/chico-buarque/mar-e-lua.html>, em 24/11/2014)

Tem Pouca Diferença (Luiz Gonzaga)

Que diferença da mulher o homem tem
Espera aí, que eu vou dizer meu bem
É que o homem tem cabelo no peito
Tem o queixo cabeludo, e a mulher não tem
No paraíso um dia de manhã
Adão comeu maçã
Eva também comeu
Então ficou
Adão sem nada
Eva sem nada
Se Adão deu mancada
Eva deu também
Mulher tem duas pernas
Tem dois braços, duas coxas
Um nariz e uma boca
E tem muita inteligência
O bicho homem também tem do mesmo jeito
Se for reparar direito, tem pouquinha diferença

(Composição: Durval Vieira, acessado em:

<http://www.vagalume.com.br/jackson-do-pandeiro/tem-pouca-diferenca.html>, em

24/11/2014)

O/A professor/a deverá propor que a turma se divida em grupos e trocar as músicas entre os grupos, para evitar que os estudantes não trabalhem com as músicas que trouxeram, mas que conheçam as escolhas dos/as colegas. Distribua ainda as músicas indicadas acima. Os grupos deverão identificar nestas músicas:

- Como homens e mulheres são representados/as?
- Quais suas ações, sentimentos e comportamentos?
- Quais os verbos e adjetivos usados para se referir a homens e mulheres?
- Como as relações afetivas são representadas?
- Como homens e mulheres se comportam nas relações afetivas?
- Quais os comportamentos que a música critica ou estimula?
- As relações afetivas são heterossexuais ou homossexuais?

Os grupos deverão fazer uma lista ou tabela com esses dados.

Como fechamento cada grupo irá apresentar à turma o seu trabalho. Em seguida o/a professor/a deverá promover um debate a partir do que foi apresentado. Para isto o/a professor/a poderá lançar à turma os seguintes questionamentos:

- Quais as palavras utilizadas nas músicas para fazer referência ao comportamento de homens e mulheres com relação ao sexo?
- Homens e mulheres são representados/as da mesma forma, na relação amorosa?
- Como os comportamentos sexuais são descritos?

Finalizando cada aluno deverá escrever uma redação sobre o que foi discutido.

*UNIDADE DIDÁTICA 3 - ORIENTAÇÃO SEXUAL, HOMOFOBIA E
PRECONCEITO*

ATIVIDADE 10: E se a história fosse diferente?

O/A professor/a pede a turma que leiam o texto “No País de Blowminsk” (PICAZIO, 1998, p. 36).

O texto fala de uma sociedade em que a heterossexualidade é proibida e discriminada e relata a experiência de dois jovens (uma moça e um rapaz) que se apaixonam e são reprimidos por isso.

Ao final da leitura o/a professor/a abre espaço para comentários dos/as estudantes e propõe um debate a partir do que sentiram em relação à realidade vivida pelos/as personagens. O/A professor/a pode propor algumas questões para animar o debate:

- Em que nossa sociedade se parece com “Blowminsk”?
- O que os/as personagens da história poderiam fazer para viver melhor e serem mais felizes?
- Que atitudes são mais comuns em nossa realidade, diante desse tipo de situação?
- Em que medida pessoas que experimentam desejos afetivos sexuais considerados fora do padrão são excluídas?
- Vivemos isso em nossa sociedade?
- O que podemos fazer para mudar essa realidade?

Para finalizar proponha aos/às estudantes que reescrevam o final da história pensando em outros possíveis finais.

Texto: No país de Blowminsk

“Blowminsk é um país onde se proíbe o relacionamento afetivo e sexual entre pessoas do sexo oposto. O homem não pode sentir desejo, atração ou tesão nem amar romanticamente uma mulher. E a mulher também não pode sentir desejos afetivo-sexuais por um homem. Os bebês são gerados em provetas e inseminados artificialmente, dando opções maiores aos pais sobre as características que poderão desenvolver. Existem pessoas que tentam quebrar as regras de Blowminsk, relacionando-se com pessoas do sexo oposto ao seu, mas são excluídas da sociedade e vivem em guetos.

Ivan e Marina moravam em Blowminsk e frequentavam a mesma escola. Um dia perceberam que algo estranho estava acontecendo entre eles. Tentaram disfarçar, mas foi inevitável que acabassem conversando sobre o desejo que estavam sentindo um pelo outro. Sentiram-se muito angustiados, porque perceberam que eram diferentes das outras pessoas, seus pais não aprovariam e talvez fossem até expulsos da escola. Marina e Ivan tentaram não deixar que a atração se transformasse em atitude. Mas uma tarde, voltando para casa, não

resistiram e, depois de se esconderem atrás de algumas árvores em um parque, beijaram-se apaixonadamente. Eles estavam próximos ao colégio onde estudavam. Os amigos de Ivan, que estavam jogando ali perto, viram a cena e ficaram horrorizados. Xingaram Ivan de “hétero” sujo e deram-lhe alguns pontapés. A direção da escola ficou sabendo e imediatamente os expulsou da instituição, para que não contaminassem os outros alunos.

Os dois pais de Ivan mandaram-no embora de casa, indignados. Marina teve mais sorte. Foi encaminhada para um psicoterapeuta, que explicou à família que os sentimentos de Marina por Ivan não eram doença, nem opção. Esclareceu que ela era normal, igual às outras mulheres, e que a diferença estava em quem ela desejava para amar. (...) Mesmo assim, as duas mães de Marina pediram que ela não se relacionasse mais com alguém do sexo oposto ao seu. Marina, mesmo sabendo que era normal e igual às outras pessoas, sentiu-se indignada por haver sido rejeitada só porque amava diferente, enquanto os amigos que a haviam agredido não tinham sofrido qualquer repressão.

Ivan tentou se relacionar com outros meninos, cumprindo o que era esperado pela sua família e pelas normas e valores de Blowmink. Resolveu não viver mais o seu desejo até que pudesse ser independente.

Marina continuou a procurar alguém que sentisse o mesmo que ela e amigos que respeitassem o seu desejo.”

(“No país de Blowmink”. In: PICAZIO, Cláudio. Sexo Secreto: temas polêmicos da sexualidade. São Paulo: Summus, 1998, pp. 36-37)

ATIVIDADE 11: MEDO DE QUÊ?

O/A professor/a deverá assistir ao desenho animado “Medo de Quê?” (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cloeUqBxhi0>), que trata de questões relacionadas diversidade sexual e homofobia. Destacar cenas e falas para o debate com a turma, observar as reações durante a exibição do filme e após estimular que façam livremente seus comentários a partir dos temas abordados pelo desenho.

Busque refletir com a turma principalmente sobre as formas de construção da masculinidade e as implicações que uma educação para a masculinidade mais tradicional pode gerar nas relações com as mulheres, esposas/companheiras e com os outros homens. Explore a ideia de que a raiz da homofobia está no sexismo e que este tipo de agressão não se manifesta apenas através de agressões físicas e verbais, e que os xingamentos e humilhações são tão maléficos quanto as agressões físicas. Peça para que relatem como é a homofobia na escola.

Para finalizar peça que os alunos, em duplas, façam uma sinopse do desenho. Esta atividade tem duração prevista de 1 hora.

ATIVIDADE 12: DE QUE LADO VOCÊS FICAM?

O/A professor/a, nesta atividade, deverá dividir a turma em três grandes grupos e distribuir para cada grupo três cartões coloridos com as seguintes palavras: **CONCORDO / DISCORDO / NÃO SEI.**

Informar aos/às alunos/as que serão relatados alguns fatos que aconteceram ou poderão acontecer em uma escola, e que deverão posicionar-se em relação a esses casos.

Após debaterem, quando tomarem uma decisão, deverão levantar o cartão correspondente à opinião do grupo, em seguida devem justificar a decisão, se não houver consenso no grupo deve haver espaço para as posições minoritárias serem apresentadas.

Os casos são os seguintes:

Caso 1 – Uma professora nova na escola estava sendo muito elogiada por todos/as pela sua competência e ótimo relacionamento com toda a comunidade escolar. Um dia, a diretora da escola recebeu um telefonema anônimo informando que a professora é homossexual e vive com outra mulher. O boato se espalhou e alguns pais/mães/responsáveis foram solicitar a direção que a professora saísse da escola, ou que seu/sua filho/a fosse transferido/a de sala, pois não achavam ideal uma professora lésbica ter contato com ele/as.

- Sobre a atitude dos pais/mães/responsáveis, seu grupo...

Caso 2 – Numa escola, havia uma banda de música cujos/as integrantes eram considerados/as, em sua maioria, gays e lésbicas, pelos/as demais estudantes e professores/as. A banda era muito boa e costumava ganhar prêmios. Os ensaios eram sempre na quadra de esportes e costumava atrair estudantes de várias idades para assistir. Alguns pais/mães/responsáveis proibiram seus/suas filhos/as de assistirem aos ensaios por considerar que eles/as poderiam ser influenciados e virar gays ou lésbicas.

Alguns/algumas professores/as começaram a estimular a banda a não mais ensaiar na quadra para evitar problemas para a escola.

– Sobre a atitude dos pais/mães/responsáveis, seu grupo....

– Sobre a atitude dos/as professores/as, seu grupo...

Caso 3 – Um menino que apresentava estereótipos femininos (jeito de andar ou falar considerados mais próximos do gênero feminino), mas que nunca se declarou homossexual saiu da escola, pois não aguentava mais as gozações e humilhações sofridas na sala de aula, no pátio, no banheiro, etc. Seu pai e sua mãe foram algumas vezes reclamar na escola, mas o/a diretor/a dizia sempre que não podia evitar esse tipo de atitude, pois a homossexualidade era mesmo um problema.

- Sobre a atitude dos/as colegas, o grupo...
- Sobre a atitude da direção da escola, o grupo...
- Sobre a atitude do pai e da mãe, o grupo...

Caso 4 – A turma descobriu que um colega era soropositivo. A partir daí o rapaz começou a sofrer discriminação e ouvir piadas sobre sua sexualidade, pois todos/as achavam que ele só poderia ser gay para ter-se contaminado.

- Sobre a atitude dos/as colegas, o grupo...

Após as discussões, o/a professor/a poderá trabalhar o que significa orientação sexual, questões de desejo/prazer; leis contra a discriminação sexual; as lutas e conquistas dos movimentos gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais – LGBT em nosso país e no mundo, em continuidade a esta atividade solicitar que os alunos realizem uma pesquisa sobre esses temas. O tempo previsto para realizar esta atividade é de 1 hora.

ATIVIDADE FINAL: FOTONOVELA

A fotonovela trata-se de uma ferramenta pedagógica que poderá ser utilizada para a elaboração e discussão de infinitos temas (esta atividade tem tempo previsto de 12 horas, devido ao processo de produção e elaboração da fotonovela). Esta atividade requer, basicamente, uma câmera fotográfica digital. Com a fotonovela é possível criar histórias, personagens e imaginar situações (Brasil, 2009).

O processo de criação da fotonovela é muito interessante, principalmente na escolha dos temas e elaboração do roteiro: escrita dos diálogos, escolha dos/das personagens, etc. Neste momento o/a professor/a avaliará as negociações para escolha do tema, os argumentos, as estratégias de negociação, o exercício do diálogo, do respeito, o poder de persuasão de cada um/a, enfim o exercício da cidadania em sala de aula.

Os momentos de discussão para roteirização do tema devem ter a participação de todos e isso é aproveitado pelo professor para intervir quando perceber algum erro conceitual, expressões equivocadas ou preconceito. Aproveite estes momentos!

De início o/a professor/a deve conversar com a turma sobre fotonovelas, vídeos, seu histórico, época em que fizeram maior sucesso, que tipos de histórias eram contadas. É possível fazer uma analogia com as histórias em quadrinhos.

A seguir os passos para a construção da fotonovela, conforme indicado no Caderno de Atividades do curso “Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professores/as em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais” (BRASIL, 2009, p. 89)

1) Escolha do tema:

Delimite um período para a escolha do tema. A melhor opção é instruir ao grupo a fazer um *storyline*, ou seja, uma ou duas frases que resumam o tema. Isto ajudará na definição do tema, após a definição da *storyline*, este não poderá ser alterado mais. São exemplos de temas para a fotonovela: o primeiro beijo, a primeira relação sexual, violência doméstica, engravidamento, transmissão das DST's, etc.

Escolhido o tema é a vez de pensar nos/nas personagens principais e secundários. Outros/as personagens poderão surgir quando da elaboração do roteiro. Em seguida é a hora de construir o roteiro.

2) O Roteiro:

O roteiro de uma história de ficção para fotonovela é construído a partir de diálogos e frases curtas que marcam a passagem do tempo, do ambiente ou um fato muito relevante que precisa ser destacado. O texto deve ser coloquial e respeitar a fala do grupo que o produz.

3) Produção da fotonovela – hora de fotografar:

Após a realização do roteiro é hora da escolha dos atores e atrizes que encenarão. Nesta etapa pode ser interessante levar alguns filmes mudos para a turma assistir, pois o gestual desses filmes, que não tinham o recurso da fala, é o mesmo que deverá ser usado pelos/as alunos/as. As expressões devem ser marcadas, as mãos e os olhos devem ser expressivos e as bocas devem estar abertas se estão falando na cena. A emoção das personagens deve estar claramente expressa em seu rosto e gestos – raiva, alegria, desgosto, ironia, zombaria, prazer, etc. No decorrer dos diálogos pode-se

fotografar quem esta falando e pegar detalhes do seu interlocutor/a (costas, rosto), plano e contra-plano. Observar com a turma como são gravados os diálogos em filmes, novelas, HQ's. Não pode-se esquecer de deixar espaços nas fotos para os balões de diálogo, quando houver, uma boa opção é fazer várias fotos da mesma cena

4) *Pós-Produção – hora do laboratório de informática:*

As fotografias devem ser descarregadas para o computador e serem trabalhadas em um programa específico para edição de imagens, recorte, clareamento, escurecer, etc. O *GIMP* é um programa de edição de imagens presente nos computadores das escolas estaduais do Paraná, que pode ser usado na edição das imagens. A inserção dos diálogos, imagens e outros efeitos também podem ser realizados no IMPRESS, programa do OpenOffice, para criação de apresentações.

Outra opção é expor a fotonovela no mural da escola, neste caso deve-se imprimir as fotos e os diálogos escritos em balõezinhos feitos de papel e colados sobre as fotos.

Para o fechamento da atividade deve-se expor o resultado final da fotonovela para a turma e em seguida o professor deve incentivar um debate sobre o processo de realização da fotonovela. Este momento é importante para a troca de opiniões, aquisição de novos conhecimentos e fortalecimento da auto-estima do grupo.

UNIDADE DIDÁTICA ESPECIAL: GÊNERO, SEXUALIDADE E
ORIENTAÇÃO SEXUAL - OFICINA PARA PROFESSORES

OBJETIVO:

Ofertar aos/às educadores/as do Colégio Estadual Rui Barbosa – EFMNP, do município de Arapoti, uma formação inicial nos temas Gênero, Sexualidade e Orientação Sexual para que tenham subsídios e argumentos para o diálogo com os alunos dos 1º anos do Ensino Médio e Formação de Docentes, durante o implementação do projeto de intervenção do PDE 2014 - *“Educação Sexual: Reflexões, Mitos e Preconceitos”*.

METODOLOGIA:

A definição dos conceitos será feita através de textos e oficinas adaptados do *“GUIA PARA A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE E DE EDUCAÇÃO”* produzido pelo Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde no ano de 2007.

A participação e o debate serão os instrumentos utilizados para a aprendizagem e a avaliação dos conteúdos trabalhados.

GÊNERO

**A gente não nasce mulher,
torna-se mulher.**

Simone de Beauvoir, 1983

Em um passado recente acreditava-se que o modo de vida de homens e mulheres fosse determinado por suas características biológicas, havendo um modo de pensar, agir e sentir diferenciados para ambos os sexos.

O sexo biológico determina aspectos como: a mulher ter vagina e o homem ter pênis, depois de certa idade as mulheres começarem a menstruar e os homens a ter ejaculação, os pelos se distribuem de forma diferente nos corpos de homens e mulheres e a gravidez só ocorre no corpo da mulher.

Mas o papel desempenhado pela biologia tem seu limite e os comportamentos e relações entre pessoas estão associados a diferentes culturas humanas (LOURO, 2014, p. 47-59).

O conceito de Gênero foi criado para diferenciar o sexo biológico do sexo social, ou seja, a maneira de ser homem ou mulher é realizada pela cultura (COSTA, Albertina in "*Ciência Hoje na Escola*", v. 2: Sexualidade, corpo desejo e cultura, p. 42-44, SBPC, 2001). As relações de gênero não se apresentam da mesma forma em todos os lugares e épocas. As diferentes maneiras de organização da vida familiar, da religião, dos costumes, das leis e da organização política são determinantes para se entender o sistema de gênero, que não difere apenas de uma sociedade para outra, pois há diferenças nas situações de vida de homens e mulheres de uma mesma sociedade de acordo com sua classe social, etnia ou idade.

Não se quer negar as diferenças entre os sexos, mas fazer a distinção entre diferenças e desigualdades para que se possa superar a opressão de alguns seres humanos sobre outros em nome de diferenças biológicas, étnicas ou sociais.

ATIVIDADE 01: IDENTIFICANDO ESTEREÓTIPOS

Objetivos:

- Identificar e refletir acerca de estereótipos para o comportamento feminino e masculino;
- Compreender e debater o conceito de Gênero;
- Trocar experiências e ideias sobre como enfrentar as desigualdades nas relações de gênero no cotidiano da atuação profissional.

Tempo de duração: 2 horas.

Nesta atividade pede-se aos participantes que formem quatro grupos, dando a cada um deles a seguinte tarefa (anotar em uma cartolina):

- grupo 01: descrever o homem ideal segundo o modo de pensar mais comum entre os homens;
- grupo 02: descrever o homem ideal segundo o modo de pensar mais comum entre as mulheres;
- grupo 03: descrever a mulher ideal segundo o modo de pensar mais comum entre os homens;
- grupo 04: descrever a mulher ideal segundo o modo de pensar mais comum entre as mulheres.

Após os grupos fazerem suas descrições, apresentar os resultados e realizar um debate lançando as seguintes indagações:

- Cada participante se sente retratado ou retratada nas descrições de homem e de mulher apresentadas?
- Como podem ser explicadas as diferenças e semelhanças encontradas nas descrições dos quatro grupos?

Ao término dos comentários, distribuir entre os participantes cópias do texto introdutório desta unidade “*Gênero*” (página 32) para a leitura e discussão.

Após a leitura, dividir a turma em grupos para a troca de experiências sobre as seguintes questões:

- 1) A escola reforça as diferenças entre os sexos? De que maneira?
- 2) Como é possível, no dia a dia de nosso trabalho, contribuir para a

igualdade de gênero?

ATIVIDADE 02: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO GÊNERO

Objetivos:

- Entender o processo de construção dos papéis sexuais dos homens e das mulheres nas sociedades;
- Ter argumentos para a produção de novos discursos e novas formas de atuação no que diz respeito as relações de gênero.

Tempo de duração: 2 horas

Os/as professores/as deverão ser divididos em dois grupos, o grupo 1 deverá listar as vantagens de ser homem e o grupo 2 as vantagens de ser mulher. Os grupos deverão listar as questões levantadas e apresentá-las.

Após esta primeira parte deve-se distribuir os textos: “O Mito da Superioridade Masculina” (BALEIRO, 1999, p.153) para o grupo 1 e “A Luta da Mulher por seus Direitos” (BALEIRO, 1999, p.152) para o grupo 2. Solicitar que façam uma leitura crítica e apresentação de um resumo, destacando os pontos que concordam e/ou discordam da autora.

Texto: O MITO DA SUPERIORIDADE MASCULINA

“O estereótipo masculino dominante no Ocidente exige que o homem negue suas próprias necessidades afetivas, pois a expressão de emoções é considerada sinal de fraqueza. Segundo esse estereótipo, o homem deve demonstrar auto-suficiência, independência e provar sua superioridade em relação aos outros, obtendo sucesso e poder. Homem que é homem deve exibir coragem, audácia, agressividade, mostrar-se mais forte que os outros, ainda que para isso faça uso da violência. Todos nós estamos familiarizados com a cena do menino que apanha na rua, volta machucado para casa e é estimulado pelo pai a revidar para recuperar a honra.

O homem que se submete aos comandos do estereótipo masculino é o superrmacho que ainda hoje povoa a imaginação das massas. A imagem do caubói duro, solitário, viril e impassível, do Exterminador ou do Rambo, ainda povoa a imaginação de milhões de homens (e de mulheres) no mundo inteiro. (...)

Na verdade, esse estereótipo masculino é inacessível aos homens de carne e osso, o que provoca tensão entre o ideal coletivo e as possibilidades dos homens reais. A imagem mítica de sucesso, potência, controle e força acabam fazendo com que os homens tenham a sensação de que são incompletos, insuficientes. Tal sentimento é fonte de angústia e leva muitos homens a lutar, continuamente, para provar a própria superioridade, agredindo outros homens e, sobretudo, agredindo e humilhando as

mulheres. Provar virilidade exige que o homem, com frequência, manifeste brutalidade, explore as mulheres, tenha reações rápidas e agressivas.

O modelo de masculinidade dominante é prejudicial não só para as mulheres, mas também para os próprios homens, pois eles têm as mesmas necessidades psicológicas das mulheres: amar e ser amado, comunicar emoções e sentimentos, ser ativo e passivo.

A proibição de satisfazer essas necessidades é prejudicial ao seu bem-estar físico, emocional e mental. O medo do fracasso e a necessidade de provar a masculinidade empurram os homens para comportamentos compensatórios potencialmente perigosos e destruidores: os homens tendem a assumir mais riscos que as mulheres (bebem mais, andam em motos e automóveis em alta velocidade, envolvem-se, com mais frequência, em brigas e disputas violentas etc.). Também a obsessão de desempenho, a competição e o estresse que acompanham a vida profissional, aumentam a fragilidade dos homens.

Embora traga opressão e sofrimento aos homens, o mito da onipotência masculina proporciona-lhes também satisfações fantasiosas. Assim, o mito persiste, graças à cumplicidade dos próprios homens (e das mulheres) que são por ele oprimidos.”

(O mito da superioridade masculina. In: BALEEIRO, Maria Clarice et all. Sexualidade do Adolescente. Fundamentos para uma ação educativa. Salvador: Fundação Odebrecht; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação e Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais, 1999, p. 153-154)

Texto: A LUTA DA MULHER POR SEUS DIREITOS

“O século XX tem sido marcado pelo reconhecimento dos direitos de grupos antes ignorados ou oprimidos (crianças, idosos, negros, mulheres, deficientes, homossexuais etc.). As transformações sociais e o surgimento de movimentos de defesa das minorias fizeram crescer a consciência das desigualdades e discriminações.

Coube aos movimentos feministas trazer para o espaço público a discussão das diferenças de poder entre os gêneros, questionar os seculares privilégios masculinos e reivindicar para as mulheres o direito de serem donas de si mesmas. A rebelião contra o papel do objeto sexual dos homens, o direito de decidir sobre a própria fertilidade e de ter acesso ao prazer sexual fazem parte da agenda desses movimentos. A partir deles, cresce a consciência de que a falta de equidade entre os gêneros, profundamente arraigada na sociedade, gera comportamentos considerados “naturais”, que são obstáculos à concretização dos direitos sexuais e reprodutivos da mulher.

Na realidade, a luta das mulheres para alcançar autonomia está apenas começando. Na prática, a maioria das mulheres não consegue resistir às pressões dos seus parceiros: muitas mantêm relações sexuais desprotegidas por não conseguirem negociar com os homens o uso da camisinha; aceitam engravidar para satisfazer seus companheiros, ainda que não desejem fazê-lo ou, inversamente, são pressionadas a evitar a gravidez, a interrompê-la e até mesmo a submeter-se à ligadura de trompas por imposição do homem ou por sua absoluta alienação frente às questões da anticoncepção.

Quanto ao prazer, sabemos que não raro as mulheres são obrigadas a manter relações sexuais que não desejam e que muitas têm dificuldades de experimentar o orgasmo. Os distúrbios do prazer e do desejo costumam estar relacionados à repressão,

a sentimentos de culpa ou de baixa auto-estima. Muitas vezes, esses problemas são agravados pelas dificuldades de comunicação do casal e pela indiferença do homem ao que a mulher sente durante o ato sexual.

O modelo cultural de imposição do poder masculino não favorece a autonomia e o respeito das mulheres por si mesmas. Entretanto, não podemos conceber o homem como o vilão da história. Trata-se de uma realidade cultural que atinge a homens e mulheres e que as próprias mulheres contribuem para manter.”

(A luta da mulher por seus direitos. In: BALEEIRO, Maria Clarice et al. Sexualidade do Adolescente. Fundamentos para uma ação educativa. Salvador: Fundação Odebrecht; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação e Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais, 1999, pp. 152-153)

SEXUALIDADE

Na atualidade os termos sexo e sexualidade estão muito presentes nos meios de comunicação, nas conversas, na família, na escola, etc. Quando escutamos a palavra sexo pensamos em significados como relação sexual, orgasmo e coito, mas esta palavra pode ser usada com outros significados bem diversos. Quando um bebe nasce, por exemplo, perguntamos “qual o sexo da criança?”. A palavra sexo pode estar relacionada a diferenças biológicas que distinguem machos de fêmeas. Além disso a vida sexual dos seres humanos, tem sentidos afetivos, sociais e culturais.

Para Laura Muller (2013, p.10) a sexualidade é um conceito amplo que tem a ver com o modo de ser de cada pessoa, ou seja: o jeito de ser homem ou mulher, a maneira de se relacionar consigo (emoções, crenças, valores, etc) e com as outras pessoas e, portanto, um conceito amplo que vai além do ato sexual em si. A autora define sexo como sendo o contato físico ou virtual que desperte desejo, excitação, orgasmo e prazer, algo que ocorre por estimulação erótica por meio dos nossos sentidos e imaginação.

Distinguindo sexo de sexualidade podemos entender o sexo como a marca biológica, uma caracterização genital e natural, já a sexualidade é um conceito cultural, constituído pela significação do sexo (NUNES, SILVA, 2006, p.74).

Outro pensamento relevante a respeito da sexualidade é o descrito por Guacira Lopes Louro (2013, p.11) que descreve a sexualidade negando-a como algo natural e inerente ao ser humano mas como algo que envolve rituais, fantasias, linguagens, representações, símbolos, etc... assim como suas formas de expressão são socialmente estabelecidas e codificadas socialmente definindo-se assim as identidades de gênero e sexuais nas relações de poder de uma sociedade.

A sexualidade é uma característica humana, o encontro entre o biológico, o psíquico e o cultural, dependendo, por isso, da vivência, da cultura e de infinitas possibilidades pessoais.

ATIVIDADE 03: RE-VISITANDO A ADOLESCÊNCIA

Objetivos:

- Compreensão dos processos de transformação corporal, psicologia e social que ocorrem na puberdade e adolescência;
- Identificar os preconceitos sobre a adolescência;
- Aumentar as possibilidades de entre professores e adolescentes, preservando a intimidade das pessoas envolvidas.

Tempo de duração: 1 h e 30 min.

Solicitar aos participantes que, individualmente, reflitam sobre suas experiências pessoais da puberdade e da adolescência, considerando as seguintes questões:

- Qual a minha lembrança mais marcante da adolescência?
- Quais foram minhas maiores alegrias nessa fase da vida?
- Quais foram meus maiores temores e dificuldades?
- O que eu pensava sobre os adultos que me cercavam (pais e professores, profissionais de saúde, principalmente)?
- Que partes do meu corpo eu mais gostava nessa fase da vida?
- Que partes do meu corpo eu não gostava?
- O que eu mais gostava de fazer junto com as outras pessoas da minha idade?
- Eu tinha uma “turma”? Se sim, o que nos unia?

Os participantes devem registrar suas lembranças, em seguida pede-se para que façam uma discussão fazendo um paralelo entre as sensações e experiências recordadas. Para finalizar fazer a leitura coletiva do texto “...Adolescência” (texto de Ana Paula Cutolo, aluna, 17 anos, 3ª série do Ensino Médio, “Projeto Semente”, Rio Claro, SP, abril de 2000) e após, fazer a discussão do texto apontando os pontos mais relevantes, nesta parte é importante observar os estereótipos ligados à adolescência, questionando expressões como “aborrecentes”, lembrando que vivemos adolescências muito diferentes na atualidade.

...ADOLESCÊNCIA

“A adolescência tem sido aclamada, tem ocupado a agenda de profissionais das mais diversas áreas e está na ordem do dia da discussão de políticas públicas. Além disso, ocupa os noticiários dos meios de comunicação, em especial os horários e páginas policiais. A adolescência, este lugar construído historicamente que, atualmente, iguala as diferenças pretende tornar a todos um ser único: “adolescente é tudo igual, só muda de endereço”, dizem os pais, professores, comunicólogos.

Espera-se que ao chegar na adolescência, a idade da contestação, toda sorte de dificuldades surja. Aquele menino passa a ser malcriado, a mentir, a não concordar com nada e aquela menina não aceita que a mãe escolha seus vestidos, fica ao telefone por horas, começa a ir mal na escola. Os pais passam toda a infância dos filhos esperando a adolescência chegar para, finalmente, poder amargar-se na dura missão de serem pais e mães dos famigerados adolescentes.

“Agora a preocupação é outra, eu não durmo enquanto meu filho não chega”. Quanto mais difícil a relação, mais provas de amor os pais pensam que estão dando. Este conceito de adolescente revoltado, irresponsável e mal-humorado, está descrito nos livros e manuais de pedagogia, de psicologia e de medicina. O próprio conceito patologiza e faz a sociedade crer que o adolescente é problema e que portanto, precisa da paciência da sociedade, da escola e da família para esperar esta fase passar. (...)

Como os adultos, responsáveis pela formação das crianças e dos adolescentes, realizam este “treinamento” para transformá-los em “adolescentes-problema”? Que instrumentos sutis são utilizados para criar este adolescente que temos hoje? Como o mundo adulto - e aqui lembramos a família, os meios de comunicação e em especial a TV, a escola e todas as instituições adultas, responsáveis pela educação das crianças - define as etapas pelas quais o ser humano passa, assim como os padrões de convivência e a distribuição dos direitos e das responsabilidades para cada uma delas? (...)

Neste jogo de rótulos, a marca que se cria é de que os e as adolescentes não são capazes de cuidar de si mesmos, de criar, de pensar e de atuar como sujeitos construtores de sua história e da história de seu tempo. (...) De fato, são “o” problema.

Entretanto não são somente este e esta adolescente que estão presentes na sociedade. Existe adolescente responsável, participante, sensível, crítico, engajado, sonhador, perspicaz... adjetivos inexistentes nos manuais que até aqui rotularam todos aqueles que são o motivo deste artigo. Adolescentes que planejam, pesquisam, executam, avaliam os resultados, consertam, caminham para novas descobertas, aprendem a ouvir, a entrevistar, a reconhecer os empecilhos e limites, a buscar novas maneiras de agir, a argumentar, a ceder, a ousar, adolescentes que agem como cidadãos e cidadãs e que estão longe de representar um problema para a sociedade.

Esta possibilidade de se re-conhecer como cidadão e cidadã tem tido seu início no trabalho voluntário quando ele ou ela elege como sendo a maneira que encontrou para contribuir para que as injustiças sociais diminuam e a sua própria auto-imagem se transforme. Este ato de doar seu tempo, trabalho e talento para uma causa em que acredita já o e a torna diferente. (...)

Caminhando na contramão dos conceitos estagnados, inventados para categorizar, estamos nos dispendo a ouvir jovens para saber deles e delas o que a eles e a elas pertence, as identidades e as subjetivações que construíram rompendo com o que deles e delas foi esperado.

Portanto agora, neste texto, trazemos a fala de uma adolescente:

(...) Batalhamos para que cada vez mais adolescentes descubram o prazer de participar. Preocupa-nos ver que muitos adolescentes cumprem o lema com que foram educados: acreditam que são chatos, que são fúteis, que são insensíveis, alienados, aborrescentes e que só sabem contestar. Estes que são educados desde pequenos para tornarem-se este tipo de adolescente comportam-se de modo a fazer jus à expectativa, ou seja, tornam-se chatos(as), fúteis, insensíveis, alienados e enfim aborrescentes. Os adultos, bons mestres, os treinam para cumprir este legado e assim manter as relações de poder que tornam as coisas estáveis e previsíveis.(...) (A adolescência por uma adolescente - Ana Paula Cutolo, 17 anos, 3 série do Ensino médio, "Projeto Semente", Rio Claro, SP, abril de 2000)"

(Extraído do Relatório Final da Oficina: PARTICIPAÇÃO JUVENIL NO SUS – Brasília 15 a 18 de maio de 2005. Elaborado por Ricardo de Castro e Silva e Maria Teresa. In Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Saúde e prevenção nas escolas : guia para a formação de profissionais de saúde e de educação /Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília : Ministério da Saúde, 2006. p. 57)

ATIVIDADE 04: A ORIENTAÇÃO SEXUAL DO DESEJO

Objetivos:

- Reconhecer e refletir sobre a diversidade humana quanto aos desejos e manifestações afetivo-sexuais
- Identificar e questionar a homofobia em nossa sociedade;
- Estabelecer diferença entre a educação para uma vivência prazerosa e responsável da sexualidade e a expectativa de influenciar a orientação sexual do desejo das pessoas.

Tempo de duração: 1 hora

Organizar uma leitura coletiva do texto: "*No país de Blowmink*" (PICAZIO, 1998), ao final da leitura abre-se para comentários e as respostas às perguntas do final do texto.

Algumas questões podem ser postas para alimentar o debate:

- Vivemos situações semelhantes em nosso cotidiano, só que com papéis invertidos?
- Que atitudes são mais comuns em nossa realidade, diante desse tipo de situação?
- As pessoas que vivem seus desejos afetivos e sexuais, de forma

considerada fora do padrão, tendem a ser excluídas?

– A escola desempenha um papel importante no enfrentamento dessas situações (exclusão social devido a orientação sexual)? Pode desempenhar?

No país de Blowmink

“Blowmink é um país onde se proíbe o relacionamento afetivo e sexual entre pessoas do sexo oposto. O homem não pode sentir desejo, atração ou tesão nem amar romanticamente uma mulher. E a mulher também não pode sentir desejos afetivo-sexuais por um homem. Os bebês são gerados em provetas e inseminados artificialmente, dando opções maiores aos pais sobre as características que poderão desenvolver. Existem pessoas que tentam quebrar as regras de Blowmink, relacionando-se com pessoas do sexo oposto ao seu, mas são excluídas da sociedade e vivem em guetos.

Ivan e Marina moravam em Blowmink e frequentavam a mesma escola. Um dia perceberam que algo estranho estava acontecendo entre eles. Tentaram disfarçar, mas foi inevitável que acabassem conversando sobre o desejo que estavam sentindo um pelo outro. Sentiram-se muito angustiados, porque perceberam que eram diferentes das outras pessoas, seus pais não aprovariam e talvez fossem até expulsos da escola. Marina e Ivan tentaram não deixar que a atração se transformasse em atitude. Mas uma tarde, voltando para casa, não resistiram e, depois de se esconderem atrás de algumas árvores em um parque, beijaram-se apaixonadamente. Eles estavam próximos ao colégio onde estudavam. Os amigos de Ivan, que estavam jogando ali perto, viram a cena e ficaram horrorizados. Xingaram Ivan de “hétero” sujo e deram-lhe alguns pontapés. A direção da escola ficou sabendo e imediatamente os expulsou da instituição, para que não contaminassem os outros alunos.

Os dois pais de Ivan mandaram-no embora de casa, indignados. Marina teve mais sorte. Foi encaminhada para um psicoterapeuta, que explicou à família que os sentimentos de Marina por Ivan não eram doença, nem opção. Esclareceu que ela era normal, igual às outras mulheres, e que a diferença estava em quem ela desejava para amar. (...) Mesmo assim, as duas mães de Marina pediram que ela não se relacionasse mais com alguém do sexo oposto ao seu. Marina, mesmo sabendo que era normal e igual às outras pessoas, sentiu-se indignada por haver sido rejeitada só porque amava diferente, enquanto os amigos que a haviam agredido não tinham sofrido qualquer repressão.

Ivan tentou se relacionar com outros meninos, cumprindo o que era esperado pela sua família e pelas normas e valores de Blowmink. Resolveu não viver mais o seu desejo até que pudesse ser independente.

Marina continuou a procurar alguém que sentisse o mesmo que ela e amigos que respeitassem o seu desejo.

Questões

1. O que Marina e Ivan poderiam fazer para viver melhor no país onde moram?
2. O que Marina e Ivan poderiam fazer para viver melhor com seus pais e amigos?

3. O que você poderia fazer para que Ivan e Marina vivessem melhor?”

(“No país de Blowmink”. In: PICAZIO, Cláudio. *Sexo Secreto: temas polêmicos da sexualidade*. São Paulo: Summus, 1998, pp. 36-37.)

Após o término desta etapa apresentar aos participantes o texto “*Composição da Sexualidade*” (PICAZIO, 1998) destacando os quatro pilares da sexualidade através de uma leitura coletiva, após leitura abrir espaço para os comentários.

COMPOSIÇÃO DA SEXUALIDADE

“A sexualidade é tão antiga quanto a natureza humana. As suas diversas formas de expressão também são antigas, e nem sempre sofreram as mesmas restrições de hoje. (...) A aceitação [desta diversidade] não implica mudança de nossos comportamentos ou sequer concordância com tudo o que acontece, mas o simples reconhecimento de que nossa cultura é vasta e diversificada. (...)”

A sexualidade faz parte de todos nós. Cada um a vive conforme o seu prazer se manifesta. Sentimo-nos, muitas vezes, no direito de educar as pessoas à nossa volta de acordo com a nossa própria vivência, sem tomarmos conhecimento de outras verdades. Achamos, erroneamente, que controlamos a orientação do desejo sexual de nossos alunos e filhos, e tentamos exercer sobre eles um poder que não possuímos. Temos poder, mas apenas de ajudar o outro a compreender a sua sexualidade e facilitar o seu desenvolvimento da forma mais positiva. (...)

As expressões da sexualidade são tão variadas quanto as opiniões sobre um determinado filme, um local ou até uma comida. Buscamos normalidade em nossa sexualidade, mas não será mais normal sermos atravessados pela espontaneidade dos nossos sentimentos? A intolerância com que o mundo lida com as diversidades sexuais é diretamente proporcional à intolerância que reservamos aos nossos próprios desejos. (...)

O sexo biológico é o referencial inicial da construção da nossa identidade sexual. Se temos pênis, seremos considerados do grupo masculino e chamados de homem. Se temos vagina, seremos do grupo feminino e chamadas de mulher. A partir da diferenciação homem-mulher iremos receber do mundo um tratamento de acordo com os valores da sociedade, da escola, dos pais, dos amigos, que nos darão uma direção do que é ser masculino ou feminino. Não nascemos sabendo ser homem ou mulher, isso precisa ser aprendido (...).

Conforme crescemos, vamos nos identificando com atitudes, profissões, roupas, ídolos, independentemente de serem considerados masculinos ou femininos. Entretanto, vamos sendo encorajados pela sociedade a abrir mão das escolhas que não são consideradas condizentes com o nosso sexo biológico. (...)

Apesar de basear-se no sexo biológico, a identidade sexual não é tão presa a ele Assim. Existem pessoas que acreditam ser homem e mulher ao mesmo tempo, ou seja, têm uma identidade masculina e feminina acopladas, sendo denominadas travestis.

Existem ainda pessoas que têm uma identidade sexual oposta a seu sexo biológico, chamadas transexuais. A identidade sexual está muito mais vinculada à ideia de quem acreditamos ser. Ela é formada ao longo da vida através da imagem física, de como a pessoa é tratada e como ela se sente. (...)

Papéis sexuais podem ser definidos como comportamentos masculinos ou femininos dos indivíduos na sociedade. Como vimos, a identidade sexual, que é um sentimento interno, geralmente se manifesta em um comportamento externo, que denominamos papel social sexual. (...) Quem desempenha papéis sexuais diferentes dos habituais (...) muitas vezes é denominado homossexual. Uma mulher não é homossexual por jogar futebol, não importa quão “machona” ela pareça. Ela é homossexual apenas se deseja sexualmente uma outra mulher. Um marido que resolva ficar cuidando dos filhos e dos afazeres do lar estará contrariando um papel sexual do homem, mas isto, obviamente, não quer dizer que este homem seja homossexual. Não há correspondência entre os papéis sexuais que adquirimos e a nossa orientação afetiva sexual. (...)

A orientação do desejo, também chamada de orientação sexual, é o sentimento de atração direcionado a pessoas com quem desejamos nos relacionar amorosa e sexualmente. Esse talvez seja o conceito mais difícil de ser entendido, por que ele independe de uma escolha consciente ou de um aprendizado e, na literatura, não se encontram definições claras a respeito.

A orientação do desejo é a moradia dos nossos amores e desejos eróticos, nossas fantasias e paixões. É a orientação do desejo que indica a pessoa sexual (homem ou mulher) que nos atrai e, também, o seu tipo. Existem várias teorias sobre a formação da orientação do desejo sexual. O que se acredita é que uma junção de vários fatores psicológicos, genéticos e sociais determina a orientação de nossos desejos. O mais importante, porém, é termos claro que a atração pela pessoa amada não é uma opção. (...) Se há uma escolha, ela é inconsciente (...). Existem vários estudos que tentam mostrar a existência de uma configuração genética do DNA que determinaria a homo ou a heterossexualidade, mas ainda são estudos e nada há de certo. De qualquer modo, somos muito mais passivos do que pensamos em relação a quem vamos dirigir o nosso desejo. (...)

São estes quatro pilares que vão determinar em estrutura, forma e ação, a sexualidade de cada um. As inúmeras variações que podemos perceber entre estes quatro elementos propiciam diversidades de expressão da sexualidade. (...)

Talvez seja importante que as pessoas reflitam sobre seus posicionamentos. Será que são as pessoas quem têm de se moldar aos padrões tidos como “normais” da sociedade? Ou é a sociedade - nós mesmos - que deve aceitar a diversidade e mudar seus padrões?”

(Composição da sexualidade (trechos selecionados). In: PICAZIO, Cláudio. Sexo Secreto: temas polêmicos da sexualidade. São Paulo: Summus, 1998, p.19-34.)

ORIENTAÇÃO SEXUAL

O termo Orientação Sexual é utilizado para representar a diversidade possível de viver a sexualidade, ou seja, a direção ou a inclinação do desejo afetivo e erótico (BRASIL, 2007). Orientação sexual é um termo que se contrapõe ao termo “opção sexual” e refere-se ao sexo que elegemos como objeto de desejo e afeto.

Hoje são reconhecidos três tipos de Orientação Sexual: a *heterossexualidade*, a *homossexualidade* e a *bissexualidade*, sendo a heterossexualidade compreendida como a sexualidade correta e esperada para meninos e meninas que assim o são criados/as e educados/as, constituindo-se uma norma ou heteronorma ou heteronormatividade.

A reprodução dessa norma hererossexista é a responsável pela manutenção e reprodução da dominação masculina, uma vez que a masculinidade se opõe a homossexualidade e a feminilidade. Esta ordem também é responsável pela violência contra jovens identificados/as como gays, lésbicas, transsexuais e transgêneros.

É importante destacarmos que a divisão entre, hétero, homo e bi não é mais que uma classificação arbitrária, que não deve limitar o variado leque de alternativas e a realidade de desejos, experiências e possibilidades expressivas da sexualidade.

ATIVIDADE 05: **HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA**

Objetivos:

- Refletir sobre o tratamento dado às pessoas homossexuais na escola e comunidade escolar;
- Mobilizar para o respeito e a diversidade sexual humana.

Tempo de duração: 1 hora.

Organizar uma leitura coletiva do texto: “*Homossexualidade*” (PICAZIO, 1998), interrompendo sempre que for solicitado algum esclarecimento, ou seja, colocado alguma questão em debate. Após a leitura e esclarecimentos das dúvidas, abordar junto com os participantes a seguinte questão:

– Como sua escola/comunidade escolar encara a questão da homossexualidade?

Homossexualidade

“Homossexual é a pessoa que sente desejos afetivos e sexuais pela pessoa do mesmo sexo. Tomando como referência os quatro pilares citados no texto da oficina anterior, concluímos que a orientação sexual pode ser o único aspecto que difere entre as pessoas homossexuais e heterossexuais. Mas muitas pessoas confundem orientação sexual com identidade de gênero ou com papel social. Entretanto, uma mulher que tem atração sexual por outras mulheres não necessariamente se comporta como homem. Ao mesmo tempo, um cabeleireiro ou um homem que não goste de futebol podem ser tanto hetero como homossexuais.

Não se sabe ao certo o que faz alguém se sentir atraído por pessoas do sexo oposto, do mesmo sexo ou de ambos os sexos. Existem numerosos estudos e pesquisas nas áreas das ciências humanas e biológicas que tentam explicar esse fenômeno, porém não há nenhuma teoria conclusiva a esse respeito. Embora algumas pesquisas apontem um componente biológico na homossexualidade, não está comprovada a existência de um gene responsável pela orientação sexual.

Nenhuma pessoa nasce heterossexual ou homossexual: nascemos homem (sexo masculino-biológico) ou mulher (sexo feminino-biológico) e, em alguns casos mais raros, com os dois sexos (pessoas hermafroditas). No seu desenvolvimento, a criança aprende a se comportar de acordo com o que a sociedade – família, amigos, escola – espera de uma pessoa do seu sexo biológico. Dessa forma, a criança aprende sua identidade de gênero, isto é, ela passa a se identificar com o gênero masculino ou feminino, reproduzindo o comportamento de homens e mulheres que estão à sua volta.

Na Grécia antiga a homossexualidade era cultivada e era considerada como uma relação mais nobre se comparada com a relação entre homem e mulher. Esperava-se que um grego da alta sociedade se apaixonasse por um rapaz, mas que tivesse uma família e uma esposa com quem tivesse uma relação de natureza diferente, também regida pelas normas sociais. Com este exemplo podemos observar que o critério de

aceitação das diferentes formas de sexualidade depende do contexto histórico/cultural em que vivemos.

Em nossa sociedade, não é fácil para uma pessoa admitir a sua homossexualidade. Perceber-se sentindo desejo por um igual, em uma sociedade onde isto ainda é visto, no mínimo, como inferioridade, é muito complicado. De repente, a pessoa sente coisas que provavelmente ela mesma condena nos outros. Suas impressões a respeito de si mesma, conjugadas ao preconceito vigente, levam a uma auto-desvalorização, fazendo com que se negue como pessoa e fuja de si mesma, às vezes atacando um outro homossexual para, assim, tentar distanciar-se do seu desejo.

Os/as homossexuais têm vontade de ter uma profissão, viver relações afetivas e sexuais, fazem planos, têm conflitos, como todo mundo. Porém, sofrem uma grande carga de discriminação por parte da sociedade, o que torna difícil poderem manifestar em público seu amor e afeto pelo/a parceiro/a. Além disso, sofrem muitas outras formas de violência, envolvendo familiares, vizinhos, colegas de trabalho ou de instituições públicas como a escola, o serviço de saúde, a justiça ou a polícia. A homofobia (aversão a homossexualidade) ainda é um dos principais preconceitos da nossa sociedade, e pode se manifestar através de um xingamento ou até mesmo de um espancamento. Pesquisas recentes nos mostram a violência cotidiana que muitos/as homossexuais enfrentam, que englobam a humilhação, a ofensa e a extorsão. (Brasil sem Homofobia: Programa de Combate à Discriminação contra GLBT e Promoção da Cidadania Homossexual, 2004).

A constituição do nosso país garante a igualdade de direitos, independente de classe social, raça, origem, sexo e orientação sexual. Contudo, na prática a discriminação das pessoas em função de suas diferenças é uma realidade. Segundo pesquisa da UNESCO realizada em 2004, cerca de um quarto dos estudantes ouvidos não gostariam de ter um colega de classe homossexual e, entre professores, a rejeição explícita à homossexualidade também apareceu, ainda que em grau menor.

Familiares, educadores, profissionais da saúde, justiça, enfim, a sociedade, precisa se comprometer com uma educação e serviços em que as formas de violência não façam parte do cotidiano de milhares de homossexuais. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é um instrumento legal que também defende a livre orientação sexual dos/as jovens – artigos 15, 17 e 18.

Muitas pessoas aconselham ou até forçam mulheres e homens homossexuais a experimentar relacionar-se com uma pessoa de sexo diferente do seu. Ninguém pede a um heterossexual que tenha relações com alguém do mesmo sexo para saber do que mais gosta. A homossexualidade não é uma opção, o que é muito importante de ser levado em conta. (...) Meninas e meninos homossexuais sentem o seu desejo da mesma forma espontânea que os heterossexuais, não havendo a escolha consciente que a palavra “opção” implica. Um homossexual não é um hetero frustrado. A frustração dos homossexuais pode residir no fato de não terem a mesma aprovação social que os heteros. Muitas pessoas heterossexuais deixam de ter amizade com homossexuais depois que isso fica revelado. Ficam indignadas com essa orientação sexual, como se o outro fosse culpado ou vitimado por ter esse desejo.

Há trinta anos a homossexualidade perdeu seu caráter de doença. Foi eliminada do código internacional de doenças (CID), e tentativas de “cura” foram publicamente repudiadas pelo Conselho Federal de Psicologia em 1999.

Elaborado mediante consulta às seguintes fontes:

– “Homossexualidade”. In: PICAZIO, Cláudio. Sexo Secreto. Temas polêmicos da sexualidade. São Paulo: Summus, 1998, p. 30-33

– Brasil sem Homofobia: Programa de Combate à Discriminação contra GLBT e Promoção da Cidadania Homossexual, Brasília, Ministério da Saúde, 2004.”

(Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Saúde e prevenção nas escolas : guia para a formação de profissionais de saúde e de educação /Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília : Ministério da Saúde, 2006. p. 62)

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais** – Livro de Atividades. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília : SPM, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Caderno SECAD, DF, nº 4, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Saúde e prevenção nas escolas. Guia para a formação de profissionais de saúde e de educação** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Brasília, Ministério da Saúde, 2006. 160 p. Disponível: http://www.unicef.org/brazil/pt/SPE_Guia_Formacao.pdf, acessado em: 24/11/2014.

Corpo, Gênero e Sexualidade. (Formação de Professores EAD, nº 50) Ivana Guilherme Simili (org.). Maringá. Eduem, 2011.

COSTA, Albertina in “*Ciência Hoje na Escola*”, v. 2: **Sexualidade, corpo desejo e cultura**, p. 42-44, SBPC, 2001. Disponível em: http://www.google.com.br/url?q=http://www.fcc.org.br/conteudos/especiais/difusaoideias/pdf/materia_muito_alem_do_sex_o_biologico.pdf&sa=U&ei=WvV1VOajEsGagwT5i4LgBw&ved=0CC0QFjAC&usg=AFQjCN GNHDww9NIzuLD8As08G8qDI8P04A, acessado em: 26/11/2014.

LOURO, G.L. **Gênero, Sexualidade e Educação - Uma Perspectiva Pós-Estruturalista**. 16ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, G.L.(org.) **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Tomaz Tadeu da Silva – 3ª ed – Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2013.

PICAZIO, Cláudio. **Sexo Secreto: temas polêmicos da sexualidade**. São Paulo: Summus, 1998, pp. 36-37

MULLER, Laura. **Educação Sexual em 8 Lições: como Orientar da Infância à Adolescência: um Guia para Professores e Pais**. 2.ed – São Paulo: Academia do Livro. 2013.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A Educação Sexual da Criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas, Autores Associados, 2006.